

DAS CLEÓPATRAS ÀS MÚMIAS: O EGITO ANTIGO NO CINEMA

A Antiguidade, período histórico tradicionalmente entendido como aquele que se estende desde a invenção da escrita (cerca de 4000 a.C.) até a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.), sempre chamou a atenção da Sétima Arte, que viu nesse período um espaço privilegiado para se contar histórias

Por Victor Henrique da Silva Menezes

CLEÓPATRA, DE 1963,
DIRIGIDO POR ROUBEN
MAMOULIAN E JOSEPH
L. MANKIEWICZ,
ESTRELADO POR
ELIZABETH TAYLOR E
RICHARD BURTON



Apoiado, muitas vezes, na iconografia neoclássica dos séculos 18 e 19 e nos romances históricos escritos no 19 e 20, o cinema teve um papel fundamental na afirmação da ideia de Antiguidade como berço da civilização ocidental, geralmente representada como sinônimo de grandeza e palco de ilustres heróis.

A aparição deste tempo histórico no cinema é datada de 1896, – com o filme *Néron essayant des poisons sur des esclaves* (Nero testando veneno em seus escravos), produzido pelos irmãos Lumière e dirigido por Georges Hatot. O curta mudo, de pouco mais de um minuto de duração, mostrava o imperador Nero testando diferentes tipos de venenos em seus escravos. A partir de então não demorou muito para que outras sociedades e povos da Antiguidade, como os babilônicos, hebreus, gregos e romanos, passassem a desfilar nas grandes telas.

Os egípcios apareceram no cinema três anos após o lançamento do filme de Hatot por meio da produção *Cleópatra* (Dir. Georges Méliès, França, 1899). Essa obra de Méliès apresentou, já nos primórdios do cinema, um dos períodos da história egípcia que mais chamaram a atenção de produtores, roteiristas e diretores cinematográficos ao longo do século 20 e início do 21: os últimos anos do período ptolomaico e a vida e os amores da rainha Cleópatra Filopater.

Na esteira do filme de 1899, seguiram produções como: *Antônio e Cleópatra* (Dir. James Stuart Blackton, EUA, 1908), *Cleópatra* (Dir. Charles L. Gaskill, EUA, 1917), *Cleópatra* (Dir. J. Gordon Edwards, EUA, 1917), *Cleópatra* (Dir. Cecil B. DeMille, EUA, 1934), *César e Cleópatra* (Dir. Gabriel Pascal, Reino Unido, 1945), *A Serpente do Nilo* (Dir. William Castle, EUA, 1953), *A Rival de Cleópatra* (Dir. Mario Mattoli, Itália, 1953), *Cleópatra* (Dir. Joseph Mankiewicz, Reino Unido, EUA e Suíça, 1963) e *Cleópatra* (Dir. Júlio Bressane, Brasil, 2007).

Outros períodos históricos que marcaram presença nas grandes telas foram os reinados de Amenófis IV (mais

CULTURA | História na Sétima Arte



APESAR DE SER UM FRACASSO DE BILHETERIA, *CÉSAR E CLEÓPATRA* (1945), RECEBEU UMA INDICAÇÃO PARA O OSCAR DE MELHOR DIREÇÃO DE ARTE



COM O ORÇAMENTO US\$ 1,8 MILHÃO, *OS DEZ MANDAMENTOS* (1923), NARRA A TRAJETÓRIA DE MOISÉS (THEODORE ROBERTS) LIDERANDO OS JUDEUS DO EGITO PARA A TERRA PROMETIDA



PRODUZIDO COM UM BAIXO ORÇAMENTO, *A SERPENTE DO NILO* (1953), CONTA A HISTÓRIA DE CLEÓPATRA, QUE APESAR DO AMOR DE MARCO ANTÔNIO, SE INTERESSA POR LUCÍLIO, GENERAL ROMANO AMIGO DE ANTÔNIO



OS DEZ MANDAMENTOS DE 1956, ASSIM COMO DE 1923, TAMBÉM FOI DIRIGIDO POR CECIL B. DEMILLE

conhecido como Aqueenáton e lembrado por ter introduzido o culto monoteísta ao deus Aton no Egito) e o de Ramsés II (devido aos filmes bíblicos que contaram a vida de Moisés e a saída do povo hebreu do Egito). Entre os filmes ambientados nesses dois períodos históricos – 18ª e 19ª dinastias, respectivamente – destacaram-se: *Os dez mandamentos* (Dir. Cecil B. De Mille, EUA, 1923), *O Egípcio* (Dir. Michael Curtiz, EUA, 1954), *Os dez mandamentos* (Dir. Cecil B. De Mille, EUA, 1956), *Nefertiti: a rainha do Nilo* (Dir. Fernando Cerchio, Itália, 1961), *Nefertiti: filha do sol* (Dir. Guy Gilles, Itália, 1993), *O Príncipe do Egito* (Dir. David Geffen, Steven Spielberg e Jeffrey Katzenberg, EUA, 1998), *Êxodo: deuses e reis* (Dir. Ridley Scott,

Inglaterra e EUA, 2014) e *Os dez mandamentos* (Dir. Alexandre Avancini, Brasil, 2016).

Dignos de nota são também: o filme estadunidense *Terra de Faraós* (Dir. Howard Hawks, 1955), ambientado no período da construção da pirâmide de Queóps (4ª dinastia); o filme polonês *Faraó* (Dir. Jerzy Kawalerowicz, 1966) que, baseado no romance homônimo de Boleslaw Prus, publicado em 1895, narra a história do fictício faraó Ramsés XIII; o filme espanhol *Alexandria* (Dir. Alejandro Amenábar, 2009) sobre a história da filósofa Hipátia que vivera na cidade de Alexandria no século 4º da Era Comum; e a produção norte-americana *Deuses do Egito* (Dir. Alex Proyas, 2016), lançada

recentemente, e que teve seu enredo livremente baseado na batalha mitológica entre os deuses Hórus e Set.

Apesar do vasto período que compreende a história do Antigo Egito, como podemos observar pelos filmes mencionados, o cinema escolheu alguns momentos específicos para retratar. Além disso, enquanto a Grécia Antiga geralmente foi mostrada sob a óptica da mitologia e a Antiga Roma a partir de intrigas políticas, o Egito Antigo destacou-se no cinema como um local místico, fantástico, um país de velhos deuses, faraós cruéis e rainhas sensuais. Essa ideia de Egito, é importante destacar, não foi uma construção singular do cinema, mas remete a algumas das imagens preconceituosas acerca dessa so-



INDICADO AO OSCAR DE MELHOR FILME ESTRANGEIRO EM 1967, *O FARAÓ*, É A HISTÓRIA DE RAMSÉS XIII CONTRA O PODER DOS SACERDOTES



DIRIGIDA POR ALEXANDRE AVANCINI, A MINISSÉRIE *JOSÉ DO EGITO*, CONTA A SAGA DE JOSÉ, VENDIDO COMO ESCRAVO PELOS IRMÃOS E LEVADO PARA O EGITO



EM *TERRA DOS FARAÓS* (1955), O FARAÓ (JACK HAWKINS), DECIDE COBRAR DA POPULAÇÃO ALTOS IMPOSTOS PARA ERGUER UMA MAGNÍFICA PIRÂMIDE. COMO TRIBUTO, UMA DAS CIDADES ENVIA UMA PRINCESA (JOAN COLLINS). DESLUMBRADA COM AS RIQUEZAS DO FARAÓ, ELA DECIDE SE TORNA A PRIMEIRA ESPOSA DO REI



TAMBÉM DIRIGIDO POR ALEXANDRE AVANCINI, *OS DEZ MANDAMENTOS* É BASEADO NA BÍBLIA E NA NOVELA DE MESMO NOME DA REDE RECORD, CUJA HISTÓRIA É A TRAJETÓRIA DE MOISÉS

cidade que percorre no Ocidente desde os relatos do historiador grego Heródoto de Halicarnaso (484-425 a.C.). O cinema, no entanto, ao dedicar uma especial atenção ao Egito Antigo contribuiu para a afirmação, e também novas construções, de discursos que o apresentam como um local exótico, de episódios romanescos e aventuras extraordinárias.

Também problemática é a tendência em mostrar os egípcios, em particular a realeza, como uma população majoritariamente branca. Esse tipo de representação presente nas obras hollywoodianas tornou-se tão marcante ao ponto de inspirar até mesmo as produções brasileiras que trouxeram em seus enredos personagens do Egito Antigo. A minissérie *José do Egipto*

(Dir. Alexandre Avancini, 2013) e a telenovela *Os dez mandamentos* (Dir. Alexandre Avancini, 2015) produzidas pela Rede Record, a título de exemplo, mantiveram essa tradição.

Nos últimos anos, os historiadores especialistas desse período histórico têm questionado essas representações influenciadas, em especial, pela ideia racista de que os egípcios, em hipótese alguma, poderiam ter sido negros. Pois, se prestarmos atenção na documentação, tanto escrita quanto material, que nos deixaram os antigos egípcios podemos observar que há inúmeras menções ao fato dessa sociedade não ter sido composta, em sua maioria, por homens e mulheres brancas como esses filmes e séries nos fazem

acreditar. Não podemos nos esquecer, inclusive, que durante o século 8º a.C., o Egito Antigo foi governado por uma série de faraós negros, de origem Núbia. Constituindo a 25ª dinastia, essa família real reinou no Egito por quase um século. Seria muito interessante se num futuro próximo a indústria cinematográfica se interessasse em levar às grandes telas uma história ambientada nesse período.

Para além dos filmes de ambientações históricas, o Egito marcou presença nas grandes telas também em filmes de aventura, suspense e terror cujas personagens centrais foram as múmias. É nesse tipo de filme que a fascinação pelos aspectos irracionais, fantásticos e sobrenaturais atribuídos à cultura

CULTURA | História na Sétima Arte



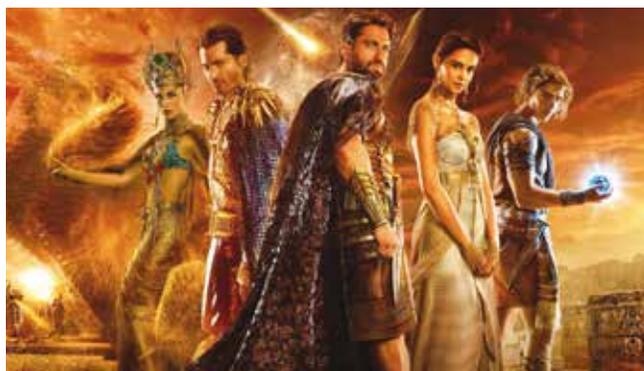
ALEXANDRIA (2009), ESTRELADO POR RACHEL WEISZ E MAX MINGHELLA, RELATA A HISTÓRIA DA FILÓSOFA HIPÁTIA, QUE VIVEU EM ALEXANDRIA, NO EGITO



DIRIGIDO POR RIDLEY SCOTT, *EXODUS: DEUSES E REIS*, 2014, FAZ UMA RELEITURA DA HISTÓRIA DO ÊXODO BASEADA EM LIVROS ANTIGOS PROVENIENTES DA CULTURA JUDAICA



ANIMAÇÃO DA DREAMWORKS, *O PRÍNCIPE DO EGITO*, 1998, SEGUE A VIDA DE MOISÉS COMO PRÍNCIPE E DEPOIS COMO GUIA DOS FILHOS DE ISRAEL PARA FORA DO EGITO



DEUSES DO EGITO (2016), É A HISTÓRIA DA LUTA DE BEK (BRENTON THWAITES), UM SOLDADO EGÍPCIO CONTRA O USURPADOR DO TRONO SET (GERARD BUTLER)

egípcia foram levados às últimas consequências. Utilizada algumas vezes como metáfora do medo ocidental frente ao Oriente, a múmia egípcia marcou presença em pelo menos 14 filmes produzidos entre os anos 1901 e 2001. Elas, junto a rainha Cleópatra, são consideradas as principais estrelas do Egito Antigo. Enquanto Cleópatra ficou marcada nas telas como o sinônimo da mulher sedutora, as múmias, por sua vez, apareceram ligadas à ideia de ameaça e perigo. A sua presença aterrorizante sugere de maneira preconceituosa que o Egito, e por extensão todo o Oriente, são culturas potencialmente perigosas. As Cleópatras e as múmias representam assim, a ambiguidade presente no imaginário ocidental acerca do Egito: belo, e ao mesmo tempo estranho; sensual, mas também amedrontador.

Os filmes como *A Múmia* (Dir. Stephen Sommers, EUA, 1999) e *O Retorno da Múmia* (Dir. Stephen Sommers, EUA, 2001)

atuaram ainda como magníficos transmissores e popularizadores, a níveis massivos, da Egiptomania – isto é, das práticas de reutilização da cultura do Antigo Egito. Além de pouco dizer acerca da história egípcia, contribuíram para o estabelecimento da ideia de Egito como um local místico, exótico, que possui obras arqueológicas valiosas (em grande parte desses filmes as múmias ressuscitam devido às escavações arqueológicas), mas que, porém, é um local perigoso, diferente.

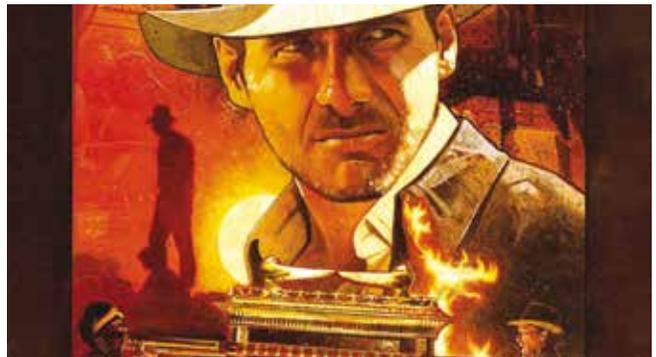
Em contrapartida, a produção desse tipo de filme demonstra que o cinema tem se interessado também pela Arqueologia do Egito Antigo. E, ao fazer isso, muitas vezes tem deixado de lado os aspectos históricos dessa sociedade. Os filmes sobre profanações de tumbas e múmias andantes, produzidos em especial a partir do descobrimento da tumba de Tutankamon em 1921, ganharam mais espaço nas grandes telas que os filmes de ambientações históricas.

O tema da Arqueologia Egípcia, ou da Egiptologia, por sua vez, não esteve presente apenas em filmes sobre múmias, mas também em filmes de aventura, como é o caso de *A maldição da tumba de Tutankamon* (Dir. Philip Leacock, Reino Unido, 1980), *Indiana Jones e Os Caçadores da Arca Perdida* (Dir. Steven Spielberg, EUA, 1981) e *A Esfinge* (Dir. Franklin J. Schaffner, EUA, 1981). Percebe-se assim que, seja com Cleópatra, por meio das múmias ou da Arqueologia, o Egito Antigo tem sido, com frequência, tema de produções cinematográficas. As escolhas e os esquecimentos presentes nessas produções, contudo, precisam ser questionados e problematizados.

É preciso ter em mente que os antigos egípcios não se resumiam a faraós, pirâmides, sarcófagos e múmias. E possivelmente não eram pessoas loiras e de olhos azuis como foram retratadas as divindades em *Deuses do Egito* (2016).



A *MÚMIA*, AMBIENTADO EM 1926, MOSTRA A AVENTURA DE RICK O'CONNELL E EVELYN, QUE ACIDENTALMENTE TRAZEM À VIDA O SACERDOTE IMHOTEP, ENTERRADO VIVO SOB A MALDIÇÃO QUE SE FOSSE RESSURGIDO, TRARIA DESGRAÇA E MORTE À HUMANIDADE



ESTRELADO POR HARRISON FORD, INDIANA JONES (FORD) ENFRENTA UM GRUPO DE NAZISTAS QUE ESTÃO PROCURANDO A ARCA DA ALIANÇA



O *RETORNO DA MÚMIA* 2001, É UMA CONTINUAÇÃO DO FILME DE 1999, *A MÚMIA*



A *ESFINGE*, 1981, A EGÍPTÓLOGA, ERICA BARON VAI AO EGITO PARA PROCURAR TESOUROS DE TUTANCAMON

Aliás, os deuses egípcios interpretados por Nikolaj Coster-Waldau (Hórus) e Gerard Butler (Set) nesse filme mas se assemelham aos deuses da mitologia nórdica que aqueles presentes na mitologia egípcia! Os egípcios da Antiguidade eram um povo heterogêneo, com uma diversidade cultural enorme e detentores de filosofias, artes, ciências, tecnologia e ideias políticas tão importantes e complexas como as dos antigos gregos e romanos, por exemplo.

Os filmes, para além do entretenimento, constituem ferramentas interessantes para o conhecimento de alguns aspectos da história egípcia. Mas suas narrativas não podem ser consideradas como verdades absolutas acerca desse passado. As histórias retratadas nas telas compõem mais uma interpretação – entre muitas – acerca do que foi e do que aconteceu na sociedade egípcia antiga. Essas interpretações, não podemos nos esquecer, são feitas por homens e

mulheres do século 20 e 21. Sendo assim, elas representam mais os ideais políticos, religiosos e culturais de nosso tempo que aqueles que estiveram presentes entre os povos do Antigo Egito. Isso não tira o mérito técnico e artístico das produções. Mas, deve ser levado em consideração antes de acreditarmos piamente nas espetaculares e convincentes interpretações da história e da mitologia egípcia que, desde 1899, são levadas às grandes telas. ■

Victor Henrique da Silva Menezes é mestrando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e autor da monografia *Capas, Espadas e Sandálias: representações da Antiguidade no cinema e na televisão*, defendida na Unicamp em dezembro de 2014.

SAIBA +

BALDISSERA, J. A.; BRUINELLI, T. O. *Tempo e Magia. A História vista pelo cinema: Antiguidade*. Porto Alegre: Escritos, 2014.
ESPAÑA, Rafael. *La pantalla épica*.

Los héroes de la Antigüedad visto por el cine. T&B Editores: Madri, Espanha, 2009.
FUNARI, Raquel S. *O príncipe do Egito: um filme e suas leituras na sala de aula*.

São Paulo: Editora Annablume, 2012.
SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.